

Poemas de  
Judith Teixeira

## Flores de Cactus

Flores de cactus, resplandecentes,  
espelhantes, encarnadas!  
Rubras gargalhadas  
de cortesãs.  
Embriagam-se de sol,  
pelas doiradas manhãs,  
viçosas e ardentes!

Bela flor impudente!  
Brilha melhor o sol rutilante  
nas suas pétalas vermelhas...  
E sugestivo  
o ar insolente  
e petulante,  
como se deixam morder  
pelas doiradas abelhas!

Nascem para ser beijadas  
e possuídas  
pelo sol abrasador..  
Lascivas,  
predestinadas  
para os mistérios do amor!

Eu gosto desta flor pagã  
e sensual,  
que num místico ritual  
se entrega toda aberta  
aos beijos fulvos do sol!

Ó flor do cactus enrubescida!  
No teu vermelho, há sangue, há vida...  
- E eu tenho uma enorme sede de viver!

Agosto - Meio-dia  
1921

## Meio-Dia

Custódia d'oiro em luz vai refulgindo  
na seda azul dum grandioso altar -  
ergueu-se agora rútila, espargindo,  
seus raios luminosos pelo ar...

Arqueja a terra. Gritam reluzindo  
as papoilas ardendo a ondular.  
Dos trigais sazonados vão subindo,  
ondas de cor, clarins a revibrar!

Sobre a terra vermelha dos valeiros,  
alvas camisas brancas dos ceifeiros,  
são pombas, que poisaram sobre a terra...

Incendeiam-se os montes em redor  
e as vozes quentes sobem no clamor  
dum hino à vida, a entoar na serra!

Agosto  
1922

### A Minha Amante

«... a dor  
só lhe perco O Som e a cor  
em orgias de morfina!

Dizem que eu tenho amores contigo!  
Deixa-os dizer!..  
Eles sabem lá o que há de sublime,  
nos meus sonhos de prazer...

De madrugada, logo ao despertar,  
há quem me tenha ouvido gritar  
pelo teu nome...

Dizem - e eu não protesto -  
que seja qual for  
o meu aspeto  
tu estás  
na minha fisionomia  
e no meu gesto!

Dizem que eu me embriago toda em cores  
para te esquecer...  
E que de noite pelos corredores  
quando vou passando para te ir buscar,  
levo risos de louca, no olhar!

Não entendem dos meus amores contigo -  
não entendem deste luar de beijos...  
- Há quem lhe chame a tara perversa,  
dum ser destrambelhado e sensual!  
Chamam-te o génio do mal -  
o meu castigo...  
E eu em sombras alheio-me dispersa...

E ninguém sabe que é de ti que eu vivo.  
Que és tu que doiras ainda  
o meu castelo em ruína...  
Que fazes da hora má, a hora linda  
dos meus sonhos voluptuosos -  
Não faltes aos meus apelos dolorosos...

- Adormenta esta dor que me domina!

Junho - Poente  
1922

Átomo

Como uma bola de sabão, tão leve,  
brilhante, luminosa e irisada,  
sai muitas vezes meu sorriso breve  
da minha boca triste e desolada...

E nas minhas mãos, pétalas de neve  
duma camélia em neve desfolhada,  
não cabe a dor que meu olhar descreve,  
seguindo a frágil bola iluminada!

E que o sorriso que de mim dimana  
vem traduzir toda a ventura humana  
simbolizada em lábios de mulher...

Que tão depressa é sol de primavera,  
como luz matinal numa quimera,  
que mal nasce, começa a entardecer!

Inverno

1922

Inverno

A noite cai sobre a terra  
e o vento no seu fadário  
anda a cantar pela serra  
como um louco solitário...

Foi a voz do meu tormento  
soluçando em convulsões  
juntar à canção do vento  
as suas tristes canções!

O vento sobe mansinho  
até ao cimo dos montes...  
Não te percas no caminho,  
não vás desgrenhar as fontes!

Não bulas no arvoredado  
que dorme abraçado às heras;  
Não me endoideças de medo,  
não vás acordar as feras!

.....

Chora o eixo dos moinhos  
- são fados - deixai chorar..  
Anda a Dor pelos caminhos,

- ninguém a queira encontrar!...

Dezembro

1922

Adeus

Sim, vou partir.  
E não levo saudade  
de ninguém...  
Nem em ti penso agora!...  
Julgavas que a tristeza desta hora  
fosse maior que a firme vontade  
que eu pus em destruir  
o luminoso fio de ternura  
que me prendia ao teu olhar?...  
Julgaste mal:  
Eu sei amar,  
mas meu amor,  
o que eu não sei  
é ser banal!

Mas porque vim eu escrever-te ainda?  
nem eu sei!  
Talvez somente  
o hábito cortês da despedida  
- e o hábito faz lei!

Choro?!... Oh! sim, perdidamente!  
Mas sabes tu, porque este pranto  
assim amargo, e soluçado, vem?  
E que na hora da partida  
eu nunca pude sem chorar,  
dizer adeus a ninguém!

Janeiro  
1926

O Fumo do Meu Cigarro

O Sol morre lá fora  
num deslumbramento,  
feérico e bizarro...  
e o meu olhar vai seguindo  
as espirais caprichosas,  
e ondulantes,  
do fumo do meu cigarro.

Aconchego mais  
a seda esmaecida  
que me envolve e não me aquece...  
E penso em ti,

e na minha vida  
tão partida  
e tão diversa!..  
Enquanto a fita, cinzenta e leve,  
volteia,  
se enlaça  
e se dispersa!...

E o meu pensamento  
vagueia  
numa angústia que eu não venço,  
Oscilando-me  
sobre um abismo de incertezas!..  
A noite desce,  
desdobrando o seu véu pesado e denso.  
E à minha boca cruel  
e desdenhosa,  
sobe, numa ironia estilizada,  
o sabor amargo  
e doloroso  
duma longínqua posse realizada...

.....  
Que tédio, Senhor,  
enrola a minha lembrança!  
- Nada vem sobressaltar  
os meus nervos quietos  
e vencidos!..  
E o meu pensamento  
vai seguindo,  
obstinadamente,  
a vida singular dos meus sentidos!

.....  
Rondas de treva volteiam em redor.

Farta-me aquele ardor  
moço e alucinado  
que a minha lembrança  
acordou agora,  
nesta sombra esguia  
do passado...

Afoga-me a estranha insânia  
dum louco desígnio - raro e torturante...  
E fico-me a cismar  
na volúpia enfastiada  
e nos tédios ruivos  
desta hora desolada  
e impenitente,  
e ante o meu olhar  
ensombrado e consciente,  
ergueu-se, rúcica e impiedosa,  
a nostálgica, amorosa  
Duquesa de Brabante!..  
- essa orquídea altiva e rara  
que, numa rebeldia

fidalga e sem remédio,  
arrefecia  
em horas de extermínio  
as horas criminosas do seu Tédio!

Outono - Hora cinzenta  
1925

### Horas Nostálgicas

Tudo em ti era simples e fácil,  
sem transcendência..  
Como um livro que se lê  
na adolescência  
e em que apenas se aprende o verbo amar!  
Livro que eu folheava irreverente,  
na ânsia inquieta  
de o complicar!

E a tua vida, ardendo  
nas minhas mãos de volúpia,  
crepitava, incendiada  
num ritual de beleza,  
submetida à minha posse  
dominante - insaciada!

Mas quando certo dia me pedias,  
numa teima caprichosa  
e exigente,  
a dália rubra do meu amor  
... desfez-se em rubra cinza o meu ardor  
e deixei-o tombar quase indiferente!...

.....  
Era sempre a esta hora.  
Hora escarlata... hora de pecado!  
Na flor sangrenta da tua boca  
poisavam os meus beijos  
em doidas revoadas,  
como asas sem rumo,  
ruflando em loiras madrugadas!

Depois, nem eu sel.. nunca mais te vi!  
E os meus rúbidos anseios  
Subiram  
como asas indominadas  
em busca de mais sol!

Deus meu! Este fim de tarde  
traz hoje tanta agonia!...  
Anda a rondar uma saudade imensa  
a minha negra nostalgia,  
que mais e mais se adensa!...

E agora, nesta hora de tédio,  
álvida e sem cor,

oh! como eu gostaria  
de refazer  
esses volvidos instantes!  
- Sentir a curva leve do teu corpo esguio,  
vergando a palpitar,  
nas minhas mãos pálidas e soluçantes!

Outono-Poente  
1926